

● Finanças

ACERTO EXTERNO

Ximenes viaja para negociar recebimento de garantias para o acordo com bancos privados

por Maria Clara R. M. do Prado de Brasília

O presidente do Banco Central (BC), Paulo César Ximenes, viaja hoje a Washington, onde terá reuniões com representantes do Banco Mundial, do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e do Fundo Monetário Internacional (FMI). Ele vai aproveitar uma viagem motivada por razões pessoais (vai buscar a família) para tratar com aqueles organismos dos recursos necessários para as garantias ao acordo com os bancos credores privados e deve definir com o FMI detalhes da viagem da missão negociadora que será enviada ao Brasil na segunda quinzena de julho.

"A preocupação do FMI é a mesma nossa; a necessidade de se fazer o ajuste fiscal", frisou Ximenes a este jornal, adiantando que o BC já está trabalhando em medidas que poderão ajudar no alívio do déficit público. Há grupos de trabalho no BC estudando a reforma do sistema financeiro, que passa não apenas pela discussão da independência e autonomia do BC, mas também pelo papel e comportamento dos bancos oficiais federais e estaduais.

PREOCUPAÇÃO DE LONGA DATA

Aquela é também uma preocupação do FMI de longa data. Há um entendimento ao nível de dirigentes do FMI de que a atuação dos bancos oficiais estaduais e de alguns federais aumenta a vulnerabilidade do BC, que acaba se tornando refém daquelas instituições financeiras. Ximenes concorda com a avaliação e acha que o BC "não poderá ficar independente enquanto os bancos estaduais não se tornarem independentes da administração dos governos estaduais". Para isto, será necessário aproveitar a revisão constitucional para introduzir regras como a aprovação dos nomes dos dirigentes dos bancos pelas Assembleias Legislativas dos estados e, ainda, a não-coincidência do mandato dos dirigentes com o mandato dos governadores.

Até lá, no entanto, medidas de precaução serão tomadas para prevenir contra saques a descoberto nas reservas bancárias e contra a deterioração do patrimônio dos bancos e de terceiros: "Estamos pensando em instrumentos para segurar os bancos estaduais", atestou o presidente do Banco Central, lembrando que a situação dos bancos estaduais tende a se agravar face às pressões eleitorais de 1994 se nada for feito. As medidas em estudo pretendem estreitar o controle do BC sobre aqueles bancos e já há na autoridade monetária uma lista de propostas que ajudariam inclusive a viabilizar um novo modelo para aquelas instituições. Entre elas:

- os aumentos de capital em espécie devem significar ingresso e permanência de recursos líquidos na instituição. Não deve ser



Paulo César Ximenes

aceita a figura do aumento de capital por transformação de saldos credores dos acionistas se isto afetar a consistência patrimonial e o equilíbrio entre ativos rentáveis e recursos totais:

- participação dos secretários de Fazenda, de Planejamento e de Indústria e Comércio dos governos estaduais nos conselhos de administração dos respectivos bancos;

- criação de comitês e crédito;

- criação de central de cadastro e de risco;

- criação de reserva destinada à capitalização permanente da instituição, com o acionista controlador sendo o responsável pelo suprimento dos recursos;

- qualificação profissional para os dirigentes dos bancos.

REUNIÃO DO CONSELHO

Várias são as medidas em análise para enquadrar os bancos estaduais, mas Ximenes adianta que seriam tomadas ao nível do Conselho Monetário Nacional (CMN). Não se sabe ainda se farão parte da pauta da próxima reunião do conselho, que muito possivelmente só ocorrerá na segunda quinzena de junho. O presidente do BC ficará fora do País durante toda a semana que vem e será substituído interinamente pelo diretor de administração, Carlos Eduardo Tavares de Andrade. Em Washington, Ximenes terá encontros com o representante do Brasil no FMI, Alexandre Kafka, e com o chefe da divisão do Atlântico Sul, José Fagjenbaum. Na quarta-feira, almoça com diretores do BID: "Vamos falar sobre a expectativa de acordo com o FMI para podermos receber o dinheiro para as 'enhancements' (garantias) ao acordo com os bancos credores privados", disse ele.